

AMÓS OZ

# O MESMO MAR

*Tradução do hebraico*  
Milton Lando



Copyright © 1999 by Amós Oz

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Oto Há-Yam (*The Same Sea*)

*Capa*

Jeff Fisher

*Preparação*

Beti Kaphan

*Revisão*

Gabriela Morandini

Mariana Cruz

*Atualização ortográfica*

Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Oz, Amós

O mesmo mar / Amós Oz ; tradução do hebraico Milton  
Lando. — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original: Oto Há-Yam

ISBN 978-85-359-2294-3

1. Ficção israelense i. Título.

---

13-05543

CDD -892.43

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura israelense 892.43

2014

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORAS SCHWARTZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# GATO

Não longe do mar, o senhor Albert Danon  
mora na rua Amirim, sozinho. Adora  
azeitonas e queijo de ovelha. Contador fiscal, um homem  
brando, perdeu a esposa não faz muito tempo. Nádia Danon  
morreu certa manhã  
de câncer no ovário, deixando alguns vestidos,  
uma penteadeira, algumas toalhas de mesa  
finamente bordadas. O único filho, Enrico David, ou Rico,  
foi para o Tibet escalar montanhas.

Aqui em Bat Yam a manhã de verão está quente e pegajosa,  
mas naquelas montanhas a noite já desce. A neblina paira  
baixo, formando rodamoinhos nas ravinas. O vento penetrante  
uiva como um bicho, e a luz que se extingue  
parece-se mais e mais com um sonho mau.

Aqui o caminho se bifurca:  
uma trilha é abrupta, a outra é suave.  
O mapa não mostra nada disso, nenhuma bifurcação,  
e, como a tarde escurece e o vento açoita,  
granizo afiado, Rico tem de adivinhar por onde ir:  
ou desce pelo caminho mais curto, ou pelo mais fácil.

De um jeito ou de outro, o senhor Danon vai se levantar  
agora  
e desligar o computador. Irá  
até o canto da janela. Lá fora no pátio,  
um gato na cerca. Flagrou um lagarto. Não vai deixar escapar.

# PÁSSARO

Nádia Danon. Pouco antes de morrer, um pássaro num ramo de árvore a acordou.

Às quatro da manhã, antes de clarear o dia, *narimi narimi*, disse o pássaro. Acorda, acorda.

O que serei eu depois que morrer? Um som, um aroma, ou nada. Comecei uma toalhinha.

Talvez ainda termine. O doutor Salatiel está otimista: o quadro é estável, diz. Talvez o esquerdo esteja um pouquinho menos bem. O direito está ótimo. As radiografias são nítidas. A senhora pode ver: não se nota nenhuma ramificação.

Às quatro da manhã, antes do dia clarear, Nádia Danon começa a recordar. Queijo de ovelha. Copo de vinho.

Cacho de uvas. O cheiro da tarde lenta nas colinas de Creta, O gosto da água fria, o sussurro dos pinheiros, a sombra das montanhas

caí sobre toda a planície, *narimi narimi*, cantou o pássaro. Vou me sentar e bordar. Antes do amanhecer, eu termino.

## INDICAÇÕES

Rico David lia sem parar. A situação do mundo não lhe parecia nada boa. As prateleiras estavam cobertas por pilhas de livros seus, panfletos, jornais, publicações sobre perversões e abusos de todo tipo: estudos feministas, sobre negros, gays e lésbicas, violência contra a criança, drogas, racismo, florestas tropicais, o buraco na camada de ozônio, e também sobre a injustiça no Oriente Médio. Sempre lendo. Lia de tudo. Foi a uma passeata das esquerdas com a namorada, Dita Inbar. Saiu sem dizer palavra. Esqueceu de telefonar. Voltou tarde. Tocou seu violão.

Sua mãe está pedindo, implorou o pai. O estado dela não é nada bom, e você ainda a faz sofrer. Rico falou, Tudo bem, esquece. Mas como é possível ser tão desligado. Esquece de apagar a luz. Esquece de trancar. Até as três da manhã, esquece de voltar.

Dita disse: Tente, senhor Danon, comprendê-lo um pouco. Ele também está sentindo, e o senhor ainda o faz se sentir culpado.

Afinal, ela não morreu por culpa dele. Deixe ele viver a própria vida. O que o senhor queria? Que ele ficasse aqui sentado segurando a mão dela?

A vida continua. Cada um de nós de um jeito ou de outro acaba sozinho. Eu também não entendo bem essa viagem ao Tibet, mas mesmo assim ele tem o direito de tentar se encontrar.

Ainda mais depois de perder a mãe.  
Ele vai voltar, senhor Danon, mas não fique esperando.  
Trabalhe, dedique-se a alguma coisa, não importa o quê!  
Qualquer dia passo aí para visitá-lo.

Depois disso, às vezes ele desce ao jardim. Vai podar as rosas,  
amarrar as vagens de ervilhas. Aspira o perfume do mar que  
vem de longe, o  
sal, as algas, o ar úmido e quente. Quem sabe  
ligo para ela amanhã? Mas Rico esqueceu de deixar essa e  
algumas outras indicações,  
e no catálogo existem dezenas de Inbar.

## MAIS TARDE, NO TIBET

Quando ainda era pequeno, numa manhã de verão, foi de ônibus com a mãe, de Bat Yam para Yafo, visitar tia Clara. Na véspera se recusou a dormir: tinha medo de que o despertador parasse durante a noite. E se não acordarmos? E se chover, e se atrasarmos?

Entre Bat Yam e Yafo uma carroça de burro  
tinha virado. Melancias esmagadas no asfalto —  
banho de sangue. O motorista gordão se ofendeu  
e gritou com outro gordão, de cabelo untuoso. Uma velha  
senhora bocejou, bem na frente de sua mãe. Sua boca era uma  
tumba, vazia e  
profunda.

Sentado no banco, no ponto de ônibus, um sujeito  
engravatado.

Camisa branca, paletó dobrado no colo. Não quis subir no  
ônibus.

Dispensou-o  
com um sinal de mão. Talvez esperasse outro ônibus.  
Daí viram um gato atropelado. A mãe  
apertou a cabeça de Rico contra sua barriga: Não olhe, senão  
você vai gritar

no sono outra vez. Depois uma menina de cabeça raspada:  
piolhos? Pernas  
cruzadas, quase dava para ver a calcinha. E um edifício  
inacabado e dunas  
de areia.

Um café árabe. Banquinhos. Fumaça  
acre e espessa. Dois homens curvados para a frente.

\*

Ruínas. Igreja. Figueira. Sino.  
Torre. Telhas. Treliças. Limoeiro.  
Cheiro de peixe frito. E entre duas paredes,  
o mar e uma vela aberta, embalando a si mesma.

Depois um pomar, convento, palmeiras,  
talvez tamareiras, e casas arruinadas — se continuarmos  
por essa estrada, vamos acabar chegando ao sul de Tel-Aviv. E  
depois o rio Yarkon.

E laranjais. E aldeias. E mais além,  
as montanhas. E depois disso, já é noite.  
Os planaltos da Galileia. A Síria. A Rússia.  
Ou a Lapônia. A tundra. Estepes nevadas.

Mais tarde, no Tibet, mais dormindo que acordado,  
lembra-se da mãe. Se não acordarmos,  
já era. Vamos nos atrasar. Na neve, na barraca, no saco de  
dormir  
às apalpadelas, ele tenta aninhar a cabeça na barriga dela.

## CÁLCULOS

Na rua Amirim, o senhor Danon ainda está acordado.  
São duas da manhã. Na tela à sua frente  
os números não batem, de uma das firmas — uma ou outra.  
Erro  
ou fraude? Ele procura. Não consegue achar. Sobre uma  
toalhinha bordada  
o relógio de metal faz tique-taque. Ele se veste e sai. No Tibet  
já são seis  
horas.  
Cheiro de chuva, mas nada de chuva na rua em Bat Yam.  
Vazio. Silêncio. Blocos de apartamentos. Erro  
ou fraude. Amanhã veremos.

# MOSQUITO

Dita dormiu com um bom amigo  
de Rico, Uri ben Gal. Deu nos nervos dela ele chamar  
a trepada de coito. Deu-lhe nojo, depois, quando perguntou  
o quanto ela havia gostado, numa escala de zero a cem. Tinha  
opiniões  
sobre tudo.

Veio com um lero sobre o orgasmo feminino:  
é menos físico e mais emocional. Daí descobriu  
um mosquito gordo no ombro dela. Esmagou, limpou com a  
mão,  
passou os olhos no jornal  
e adormeceu deitado de costas. Os braços bem abertos, em  
cruz.

Sem deixar nenhum espaço para ela. Também o pau murchou  
e adormeceu com um mosquito em cima: vingança de sangue.

Dita tomou uma chuveirada. Penteou o cabelo. Vestiu uma  
camiseta preta que  
Rico esquecera numa gaveta. Menos. Ou mais. Físico.  
Emocional.  
Sexual. Papo furado. Sensual. Emotivo.  
Dia e noite, opiniões. Isso não. Isso sim. O que foi esmagado  
não pode ser desesmagado. Preciso ir lá ver como vai o velho.

## É DURO

Abre os olhos com os primeiros raios de luz. A cadeia de montanhas parece uma mulher adormecida, poderosa, serena, deitada de lado depois de uma noite de amor.

Uma brisa suave, brincalhona, agita a aba da sua barraca. Incha, treme, como uma barriga morna. Sobe e desce.

Com a ponta da língua, ele toca o côncavo de sua própria mão esquerda no ponto mais interno da palma da mão. É como o toque de um mamilo, macio e duro.

## SOZINHO

Flecha encaixada num arco esticado: ele se lembra da linha descendente da coxa. Adivinha o movimento dos quadris vindo ao seu encontro.

Rico se recompõe. Rasteja para fora do saco de dormir. Enche os pulmões com o ar de neve. Pálida, opalina, a névoa sobe devagar, em espiral: camisola translúcida sobre o cume da montanha.